



Questões de educação

Disciplinar os filhos não é uma missão fácil, mas é possível evitar alguns enganos na educação. Confira as melhores estratégias, indicadas por especialistas

Texto e entrevistas Ricardo Piccinato Design Diego Dias

Seria ótimo ter uma fórmula mágica que indicasse como educar os filhos e torná-los adultos realizados, bem-sucedidos e felizes. Contudo, essa receita não existe. É muito comum que alguns pais se sintam inseguros ao lidarem com os pequenos em vários momentos do dia a dia. Nesse percurso, eles podem cometer alguns equívocos – que podem ser corrigidos com algumas atitudes que vão ao encontro dos princípios da educação socioemocional.

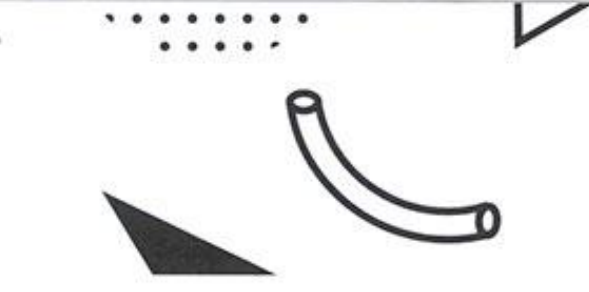
Por isso, conversamos com vários profissionais sobre esses enganos, ajudando a identificar

as situações em que eles ocorrem e as melhores formas de contorná-los.

1. Fechar-se ao diálogo

Essa atitude pode parecer um absurdo para os pais. Afinal, na teoria, fechar-se ao diálogo é uma atitude que muitos condenam – o problema é que isso tem acontecido cada vez mais na prática.

Atualmente, há cada vez mais famílias em que pais e mães trabalham. São longas horas de jornada, cobranças no trabalho... No fim do expediente, é preciso passar no supermercado, enfrentar o trânsito e preparar uma boa refeição. Em seguida,



naturalmente, vem o momento para descansar o corpo e a mente, seja assistindo ao futebol na tevê, acompanhando a novela, navegando pelas redes sociais ou outra atividade relaxante.

E aí, justamente nessa hora, chega a criança querendo brincar, falar do que aconteceu na escola, cantar uma música nova que aprendeu. E o que muitos pais dizem nesse momento é: “agora a mamãe está vendo a novela”, “o papai está assistindo futebol. Depois a gente conversa”.

A psicóloga Claudia Melo concorda que os responsáveis precisam ter um momento de relaxamento, mas esse “deixar para depois” não pode se tornar uma rotina. “Se todas as vezes que a criança procurar os pais eles não estiverem disponíveis, isso distanciará o filho”, revela.

Atitudes como essas sinalizam que a criança não pode contar com seus pais. Heloisa Capelas, especialista em desenvolvimento humano e autoconhecimento, vai a fundo e constata algo que pode parecer até muito duro: “os pais estão comunicando à criança que o que ela tem a dizer não é importante; em outras palavras, ‘ela não é importante’”. Heloisa revela que essa atitude tem influências sobre o vínculo de afeto e desenvolvimento. Assim, começam a procurar ajuda de outras pessoas quando estiverem enfrentando situações difíceis – os amigos, os professores, a mãe de outra criança – quando deveriam buscar os pais!

Por isso, o diálogo se faz tão fundamental desde os primeiros anos de vida. “Sem conversa, não há troca. E, sem troca, não é possível saber como vai a criança, quais são seus desafios, suas dificuldades, se ela precisa de alguma atenção especial em algum ponto da vida”, explica a psicóloga Lizandra Arita.

Deixando de conversar, pais e responsáveis acabam não ensinando o valor do diálogo e não mostram à criança que tudo na vida pode ser resolvido com uma boa conversa. “Além do mais, estar aberto a conversar com qualquer pessoa, dando nossa atenção, doando um pouco de nós, fazendo-nos ouvidos, é um ensinamento de solidariedade, de empatia, de amor ao próximo”, enfatiza Lizandra.

O que fazer? O estímulo à comunicação envolve não só o desenvolvimento cognitivo e

intelectual – de elaboração de pensamentos e de leitura dos contextos e acontecimentos –, mas o desenvolvimento emocional. “Ao estimular o diálogo e a escuta, demonstramos ao outro que ele é importante para nós. Ao fechar essa oportunidade, estamos bloqueando uma via fundamental de estabelecimento de vínculo, de pertencimento e de amor”, revela Heloisa.

2. Desacordos entre os cônjuges

Imagine que uma filha se dirige à mãe e pede: “posso assistir vídeo no celular?”. A mãe responde que não. Então, a menina pergunta a mesma coisa ao pai: “ah, só um pouquinho? Tudo bem!”, autoriza ele.

Esse tipo de desacordo entre os cônjuges envolve não apenas o uso de celular, mas brincar com os amigos no *playground*, os horários de assistir tevê, tomar banho... Quando conflitos assim acontecem, a criança fica perdida em um primeiro momento. “Esta situação é comum entre os cônjuges, mas ao mesmo tempo muito preocupante, porque a discordância na fala deixa a criança confusa e sem referência”, aponta Sheila Machado, orientadora educacional.

Em um segundo momento, ela apresenta dificuldade de compreender a autoridade. Aos poucos, irá observar que falta transparência nessa relação entre os pais e com os pais. “É natural do

“Estar aberto a conversar com qualquer pessoa, dando nossa atenção, doando um pouco de nós, fazendo-nos ouvidos, é um ensinamento de solidariedade, de empatia, de amor ao próximo”

Lizandra Arita,
psicóloga

ser humano querer tirar vantagem da relação, então a criança vai querer sondar os pais para obter vantagens. Quando percebe que os pais pensam coisas diferentes sobre um mesmo assunto, a criança se sente beneficiada, porque entende que pode manipular a situação”, aponta Claudia Melo. Além disso, ao viver essa situação, “a criança aprende a entrar no jogo automático da disputa, que é o jogo que pai e mãe estão fazendo”, revela Heloisa Capelas.

O que fazer? O professor de psicologia Alex Machado enfatiza que os pais discutam antes sobre as regras gerais (por exemplo, definir horário para o videogame, ver vídeos, tarefas escolares, etc.), apresentando-as claramente às crianças. “Adaptações e improvisos posteriores até são possíveis, mas, se muito frequentes, enfraquecem a regra geral”, salienta.

E, mesmo que os cônjuges tenham divergências em alguma atividade, ainda é possível

fazer acordos entre eles mesmos. “Por exemplo, tudo bem eu ceder nesse ponto. Mas eu, como o outro que faz parte dessa família, é quem irei pontuar o tempo de a criança mexer no celular. Já que você permite, então eu vou pautar o tempo”, recomenda o palestrante e psicólogo clínico Rossandro Klinjey. Mais importante ainda é que esses acordos e determinações de regras e limites não sejam feitos na presença das crianças.

3. Brigas na frente dos filhos

Entrar em desacordo é algo natural do ser humano. Às vezes, tudo pode ser resolvido por meio de um diálogo bem civilizado. Mas nem sempre as coisas correm bem. Os ânimos ficam acirrados, o tom de voz sobe, a discussão começa, palavras duras podem surgir e até mesmo palavrões. Claro que esse cenário não é nada benéfico para a educação das crianças. Imagine, então, se os próprios pais forem os protagonistas dessa cena?


Um casal que tem uma rotina de constantes brigas proporciona um sofrimento muito grande para a criança. “Também traz insegurança e preocupação que ela normalmente não teria: ‘será que meus pais vão ficar juntos?’, ‘Será que vou ficar sozinha?’. São questionamentos e sofrimentos desnecessários”, considera Claudia Melo.

O que fazer? Rossandro Klinjey ressalta que a criança precisa entender que os pais brigam, mas nem por isso se odeiam. Depois, eles se entendem. “Naturalmente, ela vai perceber que a vida tem essa dinâmica. Ela pode brigar com um amiguinho, mas em seguida podem chegar a um acordo e retomar a amizade”. Porém, é necessário enfatizar que a questão envolve apenas o pai e a mãe, e que ela não tem nada a ver com o motivo da discussão.

Alex Machado recomenda que o ideal é aguardar e discutir de forma privada. “Caso seja inevitável, vale a pena explicar de forma simplificada para a criança sobre o ocorrido, suas causas, e o que os pais farão para resolver o problema em questão”, propõe o professor de psicologia.

4. Cobrança acadêmica exagerada

“Tem gente que põe o filho na escola e ele estuda de manhã e à tarde. Também coloca no inglês, no tênis, no xadrez...”, exemplifica Ros-



sandro Klinjey sobre o quão exigidas têm sido as crianças desde os primeiros anos de vida. Da mesma forma, são cobradas para ter um desempenho excepcional desde o ensino infantil, tudo com o objetivo de passar no vestibular e entrar em uma boa universidade pública. “Em vez de alimentarmos a criatividade e descoberta, temos criado um exército de pré-vestibulandos, e apenas o conhecimento que ‘irá cair na prova’ parece ter valor”, critica Alex Machado.

O que fazer? Cobrar responsabilidade dos nossos filhos é muito importante, pois é um ensinamento para a vida. “Só precisamos ficar atentos e perceber se existem dificuldades de aprendizagem; caso isso ocorra, temos que ter paciência para ajudá-los”, recomenda a orientadora educacional Sheila Machado.

Já Rossandro Klinjey salienta outra questão importante: atualmente, há profissões que estão deixando de existir, ao passo em que há outras surgindo. “E não adianta apenas estudar 12 horas por dia, decorando fórmulas para passar no Enem. Por isso, é preciso desenvolver nos filhos competências emocionais mínimas para que eles tenham a capacidade de empregabilidade em qualquer circunstância em meio às novas tecnologias. Ou seja, a capacidade de reinventar-se, de empreender, de ser criativo”, ressalta o palestrante e psicólogo.

5. “Faça o que eu digo, não o que eu faço”

Aprendemos com nossos pais que não podemos mentir, que o diálogo pode ajudar a resolver as coisas da melhor maneira. Contudo, a criança começa a perceber que certas coisas não acontecem da maneira que os pais pregam. Por exemplo, aquela promessa de comprar um brinquedo na volta do shopping não se cumpre. Ou, em um churrasco em família, um momento de descontração se transforma em um grande bate-boca entre os parentes.

Agindo dessa maneira, os pais demonstram

atitudes inadequadas e dão exemplos opostos àqueles que pregam como sendo bons para seus filhos. É como diz aquele ditado: “faça o que eu digo, não o que eu faço”.

Claudia Melo aponta que, quando a fala dos pais não tem coerência com o comportamento deles, há consequências para o comportamento da criança: “Ela vai se sentir muito insegura com esse pai ou essa mãe, porque ela percebe que não pode confiar neles”.

O que fazer? A psicóloga Lizandra Arita aponta que a educação dos filhos também é feita pelo exemplo. “Discurso não é nada, atitude é tudo. Quando perdemos a linha, estamos deixando de ensinar sobre tolerância, sobre respeito, sobre diversidade, sobre empatia.”

Alex Machado lembra que nossas frases frequentemente podem ser mais frágeis do que nossas ações. “Neste caso, cabe aos pais modificarem suas próprias ações primeiramente, e só depois exigir das crianças a aprendizagem”, recomenda.

“É preciso desenvolver nos filhos competências emocionais mínimas para que eles tenham a capacidade de empregabilidade em qualquer circunstância em meio às novas tecnologias”

Rossandro Klinjey, palestrante e psicólogo clínico

CONSULTORIAS

Alex Machado, professor do curso de psicologia da Faculdade Pitágoras de Linhares; Claudia Melo, psicóloga com atendimento em clínica particular em Duque de Caxias (RJ) e pelo Hospital do Joca, em Belford Roxo (RJ); Heloisa Capelas, especialista em desenvolvimento humano e autoconhecimento; Lizandra Arita, psicóloga; Rossandro Klinjey, palestrante, escritor, psicólogo clínico, mestre em Saúde Coletiva e doutor em Psicanálise; Sheila Machado, orientadora educacional do Ensino Médio do Colégio Poliedro de São José dos Campos (SP).